

DESCONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA GERMÂNICA EM PETRÓPOLIS DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Priscila Musquim Alcântara*

Resumo: *Este artigo analisa a relação conflituosa entre as tradições germânicas enraizadas em Petrópolis, Rio de Janeiro, no século XIX e o combate às referências à Alemanha no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. A cidade recebeu, em 1845, um grande contingente de germânicos que participaram do processo de construção e povoamento. Este texto analisa os ataques feitos à memória germânica entre os anos de 1939 e 1942 por meio do jornal Tribuna de Petrópolis.*

Palavras-chave: *Imigração germânica para Petrópolis; Segunda Guerra Mundial; Combate ao Nazismo*

Abstract: *This article analyses the confrontational relationship between the germanic traditions rooted in Petrópolis, Rio de Janeiro, in the nineteenth century and the attack on references to Germany during World War II. The city received, in 1845, a big group of germanic. They participated in the process of construction and settlement of the city. This article analyses the attacks that were made against the germanic memory between 1939 and 1942, in the newspaper Tribuna de Petrópolis.*

Keywords: *Germanic immigration to Petrópolis; World War II; Fight against Nazism*

INTRODUÇÃO

A presença germânica em Petrópolis está ligada à própria fundação e construção da cidade. O maior contingente de germânicos que para lá se dirigiu era constituído de 2338 pessoas, a maioria nascida na região do Rheinland Pfalz. Partindo da Europa em treze embarcações diferentes, esses germânicos foram chegando a cidade entre os meses de junho e novembro de 1845 (TAULOIS, Antonio Eugenio. 1995, p-12-13. VASCONCELOS, Francisco de. 1995, p.5-6).

Na verdade, esse grande contingente só se deslocou da Europa para o Brasil por conta de um erro de tradução: o governo da então província do Rio de Janeiro convocou uma firma na França para promover a vinda de 600 germânicos para trabalhar em obras por diversas regiões fluminenses. Entretanto, foram convocadas 600 famílias. Na cidade, buscava-se mão-de-obra para a execução do projeto "Povoação Palácio de Petrópolis", sob a direção do major Julio Frederico Köeler, germânico, que ocupava o cargo de chefe da Segunda Seção de Obras Públicas. Ao saber do incidente com esse grupo, o major interveio

* Graduanda de História da Universidade Federal de Juiz de Fora.

junto ao governo provincial e conseguiu trazer um grande contingente de germânicos para Petrópolis. (KERSTER, Hans, 2005, p.6)¹

Antes disso, outros germânicos tinham se estabelecido na região por volta de 1839. Faziam parte de um grupo de 238 pessoas que tinham como destino Sydney, na Austrália, mas que por conflitos a bordo do navio, aproveitaram a parada da embarcação no porto do Rio de Janeiro para fazer um motim e ficar no Brasil, no ano de 1837. Do Rio, a maioria dos membros do grupo foi trazida pelo major Julio Frederico Köeler para trabalhar em obras na Estrada Normal, na serra da Estrela, e mais tarde, construíram uma colônia na região hoje correspondente ao bairro Itamaraty (ibdem. p. 4-5)².

Petrópolis foi fundada em 16 de Março de 1843, pelo decreto imperial número 155, por meio do qual arrendou as terras correspondentes à fazenda do Córrego Seco para o major Köeler, que ficou responsável pela construção de um palácio de verão. A idéia de se construir um palácio naquela região já tinha sido cogitada por D. Pedro I. Motivado pelo clima mais frio da serra, adquiriu em 1830 as terras que deram origem à fazenda. Entretanto, como no ano seguinte o imperador abdicou ao trono e retornou a Portugal, esse projeto não pode ser levado adiante em seu reinado.

D. Pedro II retoma os plano do pai. Além da construção do palácio, o projeto também incluía a urbanização de uma vila imperial com quarteirões imperiais, a edificação de uma igreja em louvor a São Pedro de Alcântara, a construção de um cemitério, a cobrança de foros imperiais dos colonos moradores e a expulsão dos que estavam ocupando ilegalmente as terras da região (TAULOIS, Antonio Eugenio, 2007).

Anos mais tarde, em 1862, a população de Petrópolis era de aproximadamente 6 mil pessoas, das quais cerca de 2 mil eram alemães de origem católica e 800 eram alemães protestantes, segundo informa Carlos Augusto Taunay em seu livro *Viagem Pitoresca a Petrópolis* (TAUNAY, Carlos Augusto. 1995, p.53).

1 - TRADIÇÕES GERMÂNICAS

¹

² Informação presente ainda em TAULOIS: Antônio Eugênio. *História de Petrópolis*. Petrópolis, 2007. Disponível em:< <http://www.petropolis.rj.gov.br/>>. Acesso em 30 de outubro de 2007.

Além de toda a herança cultural trazida pelo grande grupo de germânicos que se instalou em Petrópolis, houve ainda a iniciativa do major Köeler de deixar registros visíveis desses traços nos nomes das ruas e bairros da cidade, conforme explica o historiador Antonio Eugenio Taulois:

Para os alemães se sentirem à vontade e se lembrarem de sua terra, Köeler repetiu os nomes das regiões de origem na Alemanha nos quarteirões da cidade como Mosela, Palatinado, Westphalia, Renânia, Nassau, Bingen, Ingelheim, Darmstadt, Woerstadt, Siméria, Castelânia Westphalia e Worms. Além disso, homenageou as diversas nacionalidades de outros colonos, dando-lhes nomes nos quarteirões: Quarteirão Francês, Suíço e Brasileiro. (TAULOIS, Antonio Eugenio. 2007³).

Grande parte dessa herança foi preservada e repassada para as gerações seguintes pela Comunidade Evangélica de Petrópolis, por meio da escola paroquial da igreja, que difundia o ensino da língua alemã. Embora o colégio paroquial (Deutsche Evangelische Gemeindeschule) só tivesse sido inaugurado em 1876, em 1863, o então pastor da comunidade, o germânico Georg Gotlob Ströele, tomou a iniciativa de instalar uma escola em sua residência alugada onde se ensinava português e alemão, além de cálculo e leitura (KERSTEN, Hans. 2005. p.19).

É importante ressaltar que o pastor Ströele foi o responsável pela construção da Igreja Luterana na cidade. O pastor atuou de 1862 a 1866 na cidade e conseguiu atender a essa reivindicação, já antiga dos evangélicos em Petrópolis.

2 - PETRÓPOLIS DURANTE A SEGUNDA GUERRA: ATAQUE A MEMÓRIA E A TRADIÇÃO GERMÂNICA

Em 1939, a herança cultural dos alemães ainda permanecia forte e viva, embora a cidade nunca mais tenha recebido um contingente de alemães tão grande quanto em 1845. Essa presença verificou-se principalmente em função das tradições que foram passadas de geração em geração. Nesse processo, a escola evangélica representou um papel fundamental com o ensino da língua alemã.

Entretanto, naquele ano teve início a eclosão de um duro golpe na manutenção dessa tradição: a nacionalização da escola evangélica e a proibição do ensino da língua alemã. O

³ Disponível em < <http://www.petropolis.rj.gov.br/>>. Acesso em 30 de outubro de 2007.

jornal *Tribuna de Petrópolis* iniciou a publicação de uma série de artigos defendendo uma postura de nacionalização no Brasil e criticando duramente o uso da língua estrangeira no país. A postura do jornal refletia a postura do governo Vargas em relação a antigas colônias germânicas no Sul do país, onde o discurso do combate ao nazismo já não era uma novidade. Em Blumenau fora criada uma unidade militar para que o governo pudesse controlar supostos focos de nazismo.

Segundo artigo publicado pela *Tribuna de Petrópolis*,

certas colônias alienígenas, ao abolirem completamente de seu intercâmbio o idioma nacional, utilizando-se exclusivamente do seu próprio, destacando-se, em particular, nesses propósitos, os núcleos teotônicos.

Creou-se, por esse meio, o caso dos indesejáveis kystos nucleares no sul do paiz, como precursores do futuro "sudetismo" que assim preparava as "MINORIAS" promptas a appeliarem para a "Mãe Pátria", distante, em dazer dos "irmãos perseguidos"⁴.

O comandante desse batalhão proibiu brasileiros natos de se expressarem no idioma alemão, sob pena de receberem punição. Aproveitando-se da situação, o jornal aproveita para fazer uma crítica a uma situação que ocorria na própria cidade, que era a manutenção de uma escola evangélica, dirigida por um pastor suíço:

Não basta, porém, essa reacção esporádica do 12º B.C. Providências eguaes devem ser tomadas nas demais cidades do Brasil, onde existem a miserável pretensão de desnacionalizar jovens brasileiros, abafando entre elles a linda e querida língua (...).

Não faltam por ahí, mesmo nos centros maiores do paiz collegios, egrejas, clubs, jornaes, sociedades "beneficentes" e até guerreiras, que embaraçam o uso do nosso idioma, por imposição de capitalistas apatacados, auxiliados por professores e pastores, importados para manterem vivo nos meios estrangeiros e de seus descendentes o "espírito dos antepassados"⁵.

Eram constantes as associações entre as escolas evangélicas e a propagação do nazismo. A *Tribuna*, que até então mantivera uma relação de respeito com a Comunidade Evangélica, agora, delimitara bem sua postura, com a publicação de um artigo não assinado que assim dizia:

⁴ Para que os brasileiros falem o idioma pátrio. In: *Tribuna de Petrópolis*, 04 de maio de 1939, p. 1.

⁵ Idem.

As escolas alemães funcionam sob a orientação do "Reich" e, ao que sabemos, na "Deutsche Schule" do Rio de Janeiro, por exemplo, só lecionam professores nazistas, tendo sido substituídos os elementos a elle estranhos. O governo federal que syndique a respeito, pois não lhe faltam os meios para apurar a verdade⁶.

No dia 09 de maio de 1939, o jornal comemorava a publicação do decreto que proibia o uso do idioma e a permanência de estrangeiros em cargos de direção de escolas.

Em 10 de julho, o periódico noticiou a nacionalização da escola evangélica de Petrópolis, não poupando o diretor da escola evangélica de críticas, por continuar no cargo mesmo após a publicação do decreto.

Depois do advento do nazismo, a orientação da Escola Alemã – composta na sua grande maioria de crianças brasileiras descendentes de alemães – tomou então e a despeito disso um caracter bastante esquisito, organizando-se no seu seio corporações infantis hitleristas, até fardadas a caracter e orientadas, nesse espírito, por professores positivamente ligados a esse credo político estrangeiro, como um celebre Heuser e o pastor Schlupp tudo sobre a direção suprema do pastor José Hohl, cujo fanatismo por essas ideologias exóticas alienígenas ficou ainda recentemente bem patenteado por ocasião do almoço nacionalista realizado no salão da Coral Concórdia.

O pastor Hohl, com infração do disposto no artigo 7º do decreto citado, continuou na direção do collegio, quando esse artigo determina que nenhuma escola primária poderá ser dirigida por estrangeiros.

Esses factos todos justificam uma intervenção das autoridades nacionaes, afim de normalizar a vida referida escola e de reprimir a continuação de tamanhos menosprezo às autoridades e às leis do Brasil⁷.

Mas foi em 1942 que essa política se intensificou. Se antes, a presença alemã era um motivo de orgulho e comemorações na cidade, agora, o Governo de Vargas fazia de tudo para apagar de Petrópolis esses traços.

O presidente subia a serra com frequência, o que aliás, era um hábito da elite ligada ao Imperador D.Pedro II e que se manteve mesmo após a proclamação da República. As famílias ligadas ao governo construíram palacetes em Petrópolis e se dirigiam para lá com frequência no verão.

Em 1942, porém, a cidade recebeu pessoas bem mais poderosas que os políticos da capital e o próprio presidente. A ocasião era a realização da III exposição de Flores e

⁶ Nacionalizemos o Brasil. In: *Tribuna de Petrópolis*, 05 de abril de 1939, p. 1.

⁷ A nacionalização da escola alemã. In: *Tribuna de Petrópolis*, 10 de julho de 1939, p. 1.

Frutos. Petrópolis preparou-se para recepcionar chanceleres americanos, conforme noticiou a *Tribuna* de 18 de janeiro de 1942

Instalou-se ontem, às 16 horas, no recinto da Exposição Permanente do Estado, na antiga Chácara das Camélias, a Terceira Exposição de Flores e Frutos de Petrópolis, mostra que foi inaugurada pelo presidente Getúlio Vargas. (...)

Atendendo ao apelo feito pela Municipalidade, as casas comerciais da principal avenida da cidade embandeiraram suas fachadas, sendo que algumas, homenageando o presidente Getúlio Vargas e presidente Roosevelt, com as figuras dos eminentes cidadãos envoltas nos pavilhões das respectivas nações que dirigem.

Às 20 horas, realizou-se o grande jantar oferecido pelo governo do Estado do Rio ao presidente da República. No ágape tomaram parte alguns dos chanceleres americanos que ora se encontram entre nós.

O banquete efetuou-se no Pavilhão de Festas, que se achava bizarra e artisticamente decorado.

Na sua residência oficial de veraneio, o Palácio do Itaboraí, o casal Ernani do Amaral Peixoto ofereceu um "cock-tail" aos chanceleres dos Estados Unidos, Uruguai, Chile, Paraguai, Bolívia e Peru, que superam especialmente para tomar parte no grande banquete realizado no Pavilhão de Festas da Exposição⁸.

Depois dessa visita, intensificaram-se os ataques. Os nomes das ruas que carregavam lembranças da Alemanha, tal como Köeler planejara, agora eram substituídos. Os nomes das ruas e bairros, que faziam menção a regiões da Alemanha, como Bingen e Mosela, foram substituídos por nomes bem brasileiros: Araraquara e Baependi (LORDEIRO, Manoel. 2001⁹).

E que quem cultuasse a memória germânica na cidade que "entrasse na linha", pois para o general Lauro Müller

"QUEM NASCEU NO BRASIL, OU É BRASILEIRO, OU É TRAIADOR"

Não queiram, pois, sofismar os algarismos, nem os fatos. Essas histórias antigas de colônia alemã ou colônia italiana, são, como diz o povo, "conversa para boi dormir"

Petrópolis, como demonstra a estatística recentemente levantada pela Delegacia de Ordem Política e Social, é, pois, uma cidade legitimamente, genuína e puramente brasileira¹⁰.

⁸ A inauguração da III Exposição de Flores e Frutos. A presença dos srs. Getúlio Vargas e Amaral Peixoto – O grande jantar no Pavilhão de Festas. *Tribuna de Petrópolis*, 18 de janeiro de 1942, p. 1.

⁹ Disponível em <www.ihp.org.Br/docs/ms/20010921.htm>. Acesso em 26 de setembro de 2007, 22h34. As localidades citadas acima voltaram a carregar a referência alemã.

¹⁰ Alemães, italianos e japoneses residentes em Petrópolis. *Tribuna de Petrópolis*, 5 de fevereiro de 1942. p.1.

O trecho de onde essa passagem foi extraída se destinava aos *súditos do EIXO residentes em Petrópolis*. Segundo o jornal, eram 368 italianos, 190 alemães e 11 japoneses. O artigo deixa claro que "*se trata de estrangeiros natos, não podendo, portanto, figurar entre os patrícios do "Führer", do "Duce" ou do "Mikado" os descendentes dessas três nações, que são unicamente brasileiros*"¹¹.

E continua o autor do artigo:

É, todavia, interessante apreciar esses elementos estatísticos, que servirão para quebrar os dentes dos audaciosos representantes e adeptos de Hitler e de Mussolini em Petrópolis, provando o seu atrevimento e a sua audácia, quando por todos os meios e modos procuravam embaraçar, impedir e obstruir a nacionalização dos núcleos, grêmios, associações e instituições de origem germânica e itálica, que os camisas pardas e pretas pretendiam transformar em "cabeças de ponte" para futuras ações anti-brasileiras e anti-americanas. Em suma, Petrópolis é verde e amarela, de fato, queiram ou não os "camaradas" de tal coluna.

Daí conclui-se que ser descendente de germânicos em Petrópolis não era necessariamente um problema, desde que, em primeiro lugar, o indivíduo se assumisse como brasileiro e negasse qualquer laço com a Alemanha.

Entretanto, o que se observa é a tentativa de, por meio da intimidação, aniquilar a herança deixada pelos colonos alemães, em especial os esforços de Köeler. E para tanto, os ataques não pararam por aí. Foi necessário atacar não só o presente, mas também o passado, em especial, o passado ligado aos evangélicos. Daí deu-se o ataque ao próprio major, que era luterano e que tomou várias iniciativas em benefício dos evangélicos, e também ao pastor Ströele, responsável pela construção da Igreja. O jornal, que até então sempre cercara de homenagens essas duas figuras¹², deu início ao ataque a esses dois personagens.

3 - O ATAQUE AOS PILARES DA HISTÓRIA DA COMUNIDADE EVANGÉLICA: TODAS AS ARMAS APONTADAS PARA KÖELER E STRÖELE

Em março de 1942, o jornal *Tribuna de Petrópolis* publicou a tradução de uma correspondência de autoria atribuída ao pastor Ströele, que, como citado anteriormente, foi

¹¹ Idem.

¹² Conforme pude acompanhar analisando exemplares da *Tribuna de Petrópolis* publicados antes de 1939.

responsável pela construção da Igreja Luterana. A correspondência teria sido endereçada a Casa das Missões da Basiléia e escrita entre os anos de 1862 e 1865, período em que o pastor atuava na cidade. Essa carta teria sido publicada em um periódico na Alemanha, e este jornal acabou chegando às mãos de moradores da cidade de Petrópolis. Estranhamente, essa publicação foi feita em dois dias, não teve continuidade no verso ou na última página, como era comum acontecer com artigos extensos, em especial os que se enquadravam na categoria de memórias da cidade. Ganhou a primeira página dos jornais nos dias 19 e 20 de março de 1942.

A primeira parte da carta conta a via-crúcis sofrida por aqueles 2338 alemães que partiram da Europa em 1845 com destino ao Rio de Janeiro, onde, ao chegarem, não encontraram alojamentos e vagas de trabalho suficientes por conta de um equívoco na tradução do contrato, que previa a contratação de apenas 600 pessoas.

Conta a correspondência que, desorientados, esses alemães ficaram mal alojados na capital até o major Julio Frederico Köeler intervir junto ao governo para levar o grupo à fazenda do Córrego Seco, onde ele atuava como responsável pelo projeto da "povoação-palácio Petrópolis", e necessitava de mão-de-obra para a empreitada.

Segundo a carta, a vida dos alemães em Petrópolis também não foi fácil. Köeler, que desde o século XIX era tido como um "herói" municipal, foi descrito como carrasco.

De acordo com aquele relato, o major não cumpriu o que prometera aos colonos em relação ao pagamento pelos serviços, deixando muitos passarem fome. Além disso, a carta descreve que:

Köeler forçou os colonos de entregar a elle as cartas destinadas para a antiga pátria com o pretexto de que elle as sabia expedir seguramente. Uma carta que dizia a verdade foi destruída, mas quem achava tudo bello e magnífico foi gratificado.

Köeler foi, além disto, um homem horrivelmente voluptuoso. Quem tinha uma mulher bonita ou uma filha moça recebia uma colônia bem situada ou um serviço lucrativo ou um emprego como inspector.

Não satisfeito de seduzir elle mesmo, chamou os brasileiros mais distinctos da Côte para lhe ajudar.

A elles foi obrigado a entregar a mulher, se não queria ver o pae ou o marido na cadeia e seus parentes na miséria.¹³

¹³ *Tribuna de Petrópolis*, 19 de março de 1942, p. 1

A primeira parte da carta terminava com essas acusações feitas a Köeler. O leitor, então, ficaria convencido de que aquele major, tão reverenciado na cidade, não passava de um mau caráter, de um crápula. Iria fazer circular essa informação no decorrer daquele dia e se convencer de que a cidade precisava rever quem eram seus heróis.

Se esse mesmo leitor não acompanhasse a conclusão do artigo, no dia seguinte, ficaria ainda com essa impressão viva em sua mente. E no dia seguinte, a defesa de Köeler vem em forma de ataque ao pastor Ströele. J.D Silveira, que assina os comentários sobre a carta, diz que o periódico acabou chegando às mãos de petropolitanos, produzindo "as mais desagradáveis apreciações" na cidade, o que teria motivado o juiz a solicitar a tradução do periódico, afirmando que a correspondência

difama e injuria não só a Nação Brasileira, como os moradores desta cidade e suas autoridades e mesmo as cinzas d'aquelles que já repolsão no sepulcro e para bem se conhecer até onde chegão os desatinos desse homem, nomeio o director do periódico Germânia, Pedro Muller e o escrivão do Jury, José Schaefer, para traduzirem no idioma nacional, fazendo a tradução ao pé da letra quanto possível¹⁴.

conforme trecho supostamente retirado por J.D Silveira de uma portaria expedida pelo juiz em 3 de novembro de 1865. Silveira afirma ainda que a carta fora traduzida segundo ordenou o magistrado, mas que o juiz fora substituído por outro, que arquivou o processo. Tal atitude teria deixado inconformado um membro da comunidade luterana, Pedro Jacoby (que exercia o cargo de pastor e professor antes da chegada de Ströele na cidade, embora não tivesse formação em um seminário). Em função disso, o caso fora encaminhado à Câmara Municipal, que abriu sindicância para averiguar se Ströele era ou não autor da carta.

Após a investigação, os vereadores leram o seu relatório opinando para que a Câmara levasse ao conhecimento da Presidência da Província que o resultado das sindicancias mostrarão ser ella real e verdadeira e nesse sentido foi remetido officio pelo Presidete da Câmara.

Tal atitude teria culminado com a demissão de Ströele e seu retorno à Alemanha, conforme conclui Silveira:

Era a retirada do atrevido estrangeiro, deixando ainda no paiz seu rimão, o professor Ströele, que levou durante 40 annos a corromper o caracter das crianças

¹⁴ *Tribuna de Petrópolis*, 20 de março de 1942, p. 1

brasileiras, descendentes de alemães; e cuja benemerecencia foi premiada pendurando-se o seu nome n'uma placa à esquina de uma rua desta cidade.

4 - INVESTIGANDO A VERACIDADE DO ARTIGO

Pesquisei atas da câmara municipal de Petrópolis do período em questão e embora houvesse sim acusações contra Ströele, em momento algum foi mencionada qualquer correspondência escrita pelo pastor. O processo que tramitava era constituído de acusações de má-gestão da comunidade, movido por Pedro Jacoby. Era comum que em comunidades onde não havia pastor, os professores exercessem essa função.

Com a chegada de pastores com formação teológica partindo, principalmente, da Casa das Missões da Basílica, professores-pastores como Pedro Jacoby sentiram-se ameaçados por perderem espaço na comunidade e investiram em ataques à esses dirigentes religiosos.

É importante ressaltar que Köeler e Ströele eram duas pessoas muito importantes para a comunidade evangélica. Köeler conforme disse anteriormente, era luterano e sempre buscou junto ao Imperador assistência aos colonos protestantes de Petrópolis. Ströele, em quatro anos, conseguiu realizar uma empreitada que pastor nenhum conseguira em quase vinte anos de existência da comunidade: a construção do templo.

Köeler morreu em 1847. Neste ano, Ströele tinha apenas 13 anos e provavelmente ainda estava em Oberleningen, Württemberg, região da Alemanha onde nasceu. É muito pouco provável que tenham se conhecido e menos provável ainda que Ströele tivesse se dedicado a atacar a figura de Köeler, tão importante para os colonos alemães, tanto católicos quanto protestantes.

5 - PERSONAGENS INCÔMODAS

Ströele foi uma figura bastante polêmica. A construção do templo foi marcada por conflitos com autoridades católicas, que provavelmente sentiram-se incomodadas com a construção da igreja evangélica, já que no período ainda não existia a Catedral São Pedro de Alcântara.

As missas eram celebradas em uma pequena capela, e os cultos evangélicos, nos quartéis provinciais. A promessa era que após a construção da Catedral, a capela fosse entregue aos luteranos. Entretanto, a construção da matriz só foi concluída em 1925, assim mesmo, sem a torre. Ströele não quis esperar. Menos de ano depois de sua chegada, a igreja evangélica já estava pronta. A torre só não foi construída naquele período porque era proibido aos evangélicos que seus templos tivessem sinos e torres.

Ströele enfrentou críticas de autoridades católicas, tendo sido inclusive denunciado por afixar como adorno na igreja um cálice e uma bíblia. Entretanto, anunciou que preferia ser preso a retirar aqueles enfeites. (KERSTEN, Hans, 2005, p.12).

Embora eu não tenha encontrado ainda nenhum registro que mencionasse qualquer conduta reprovável do major Köeler, é possível ter uma idéia do quanto era incômodo para Vargas, cada vez mais próximo dos Estados Unidos, ter, tão próximo da capital do Brasil, um município onde se cultuava como herói, como uma espécie de fundador da cidade, um germânico protestante. Ainda mais quando esse município era destino da maioria das autoridades da capital em dias de verão.

Havia uma espécie de mistério circundando a memória desses personagens, embora isso não tivesse sido impedimento para que os petropolitanos os reverenciassem, e isso pode ter motivado a escolha desses personagens para que fosse lançado o ataque. Os relatos sobre a morte de Köeler são marcados por questões não explicadas. Um tiro, durante a visita de apresentação dos colonos ao imperador D. Pedro II em novembro de 1847, quando exercitava tiro ao alvo, ceifou sua vida (ABREU, Antonio Izaias da Costa. 1995, p.120). Várias são as teorias acerca de sua morte: assassinato, suicídio e acidente. Ele teria inimigos? Teria feito algo reprovável que merecesse vingança?

Há também mistérios a respeito da saída do pastor Ströele. A versão da Igreja Luterana é de que ele saiu do Brasil por estar doente. Deixou Petrópolis com destino a Alemanha em 29 de abril de 1866. Segundo a Comunidade Luterana, seu regresso a Europa foi em função de seu “precário estado de saúde”.

Essa justificativa, por si só, já daria margem a dúvidas. Se estava com a saúde debilitada, uma viagem a Europa certamente poderia ser fatal para Ströele. Mais sensato seria fazer como o primeiro pastor da comunidade luterana de Petrópolis, Julius Friedrich Lippold, que buscou tratamento médico no Rio de Janeiro. No entanto, mesmo com essa

suposta debilitação, fez a viagem e ainda viveu por mais trinta e três anos. Durante esse período, foi pároco de uma comunidade na Suíça (Fleurir, Kanton Neuenburg) e em duas comunidades na Alemanha (Gleisselhart e Warth, O.A Nagold, Wuettemberg), onde faleceu, em 30 de novembro de 1899.

Creio que Ströele tenha sido forçado a sair do país. O irmão, que também era professor, Frederico Cristiano, permaneceu na cidade e constituiu família lá, onde ganhou reconhecimento e homenagens, como a que foi feita após a sua morte, em 17 de abril de 1922, quando o governo municipal deu seu nome a principal rua do bairro Quarteirão Brasileiro.

CONCLUSÃO

J.D Silveira utiliza Ströele para construir um ataque a Köeler, colocando os dois pilares da comunidade evangélica em conflito e desmoralizados. Petrópolis, por conta da herança germânica, representava uma situação incômoda para o governo Vargas: uma cidade tão próxima à capital, servindo ainda como uma cidade de veraneio para a elite ligada ao centro do poder, mantendo traços germânicos tão fortes, cultuando como fundador um germânico protestante.

Em um contexto onde o Brasil rompe relações com a Alemanha, em um período onde não se poupavam palavras para criticar e associar igrejas luteranas e suas escolas paroquiais com o nazismo, onde chanceleres americanos visitam Petrópolis, os objetivos em trazer a tona, ou mesmo forjar essa correspondência, tornam-se bastante claros: servir com um braço do próprio governo de Vargas no processo de desconstrução da memória germânica na cidade de Petrópolis no contexto da Segunda Guerra Mundial.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Antonio Izaias da Costa. A Morte de Köeler. A Tragédia que abalou Petrópolis. In: *Anais do colóquio e artigos publicados sobre a Imperial Colônia de Petrópolis*.IHP/UCP, 1995, p.120

ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org). NOVAIS, Fernando A. (dir). *História da Vida Privada no Brasil*: Império. São Paulo. Companhia das Letras, 1997.

Atas da Câmara Municipal de Petrópolis, de 1862 a 1866. Câmara Municipal de Petrópolis.

CORRÊA, Eliane Machado. *Ecos da Reforma: Imigração alemã e protestantismo em Juiz de Fora na segunda metade do século XIX*. Juiz de Fora: 2003. (Dissertação em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora.

HUFF JUNIOR, Arnaldo Erico. *Vozes da ortodoxia: o sínodo de Missouri e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil: processos de formação e relações nos contextos da I Guerra Mundial do final do Regime Militar*. Juiz de Fora: 2006. (Tese em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora.

KERSTEN, Hans (Compilação). *Comunidade Luterana em Petrópolis: 160 anos – 1845-2005*. Petrópolis: Gráfica Primo's, 2005

PRIEN, Hans Jürgens. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil: Das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 2001.

TAULOIS, Antonio Eugênio. 150 anos da Imperial Colônia de Petrópolis. In: *Colóquio sobre imigração alemã*. 1995, Petrópolis. Anais...Petrópolis: IHP/UCP, 1995. p.5-6.

TAUNAY, Carlos Augusto. *Viagem Pitoresca a Petrópolis*. 1862. In: *Anuário do Museu Imperial*. Petrópolis, 1995.

VASCONCELOS, Francisco de. Dunquerque, 1845. In: *Colóquio sobre imigração alemã*. 1995, Petrópolis. Anais...Petrópolis: IHP/UCP, 1995.